

5 Considerações Finais

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (Paulo Freire)

Chegando às considerações finais e analisando o resultado de nosso trabalho, procuro valorizar o próprio percurso da construção dessa tese. Entendo que resultados são processuais e considero o caráter dinâmico do conhecimento produzido. Deixando isso claro, recorro a Fernando Molica (2009): “A curiosa - e bela - geografia do Rio facilitou a segregação. Há um acúmulo de beleza (e de riqueza) do lado de cá (Zona Sul). (...) Num processo agravado nas últimas décadas, a Zona Sul virou sinônimo de Rio; pelo menos, do Rio desejado, que exporta gostos, modas e costumes. Nem a produção literária escapou disso - de um modo geral, a perspectiva é a de quem mora do lado de cá (mesmo que o livro trate de favelas, pobres, subúrbios e que tais).” O lugar de onde falo não se localiza no acúmulo de beleza e riqueza, já que a Tijuca também fica no além-túnel, mas tem lá seus charmes. No entanto, de que perspectiva olhei para essas mulheres? Para embasar tal problematização, a leitura de Bakhtin (2003) foi fundamental, já que a produção é sempre historicamente situada e se dá na relação com o outro. Por isso, é sempre política. Nesse sentido, Sarti (2004) afirma que o contexto do pesquisador explica a sua interpretação e as referências epistemológicas com as quais constrói sua análise.

É então, na indissociabilidade entre indivíduo e sociedade, que fundamentamos nossa narrativa. Dessa forma, Castel (2010) faz uma bela análise das mudanças que o mundo globalizado vem provocando nos últimos trinta anos, mudanças que ocorrem principalmente nas relações trabalhistas e nos efeitos que a nova realidade do mercado de trabalho provocou nas relações sociais. Os desempregados do mundo contemporâneo sofrem não só a perda dos salários, a instabilidade econômica e o medo do desemprego, mas também a perda dos vínculos sociais e até mesmo a perda de vínculos familiares. Ocorre uma cadeia imediatista, o que leva a uma sociedade menos solidária e mais competitiva. Somado a isso, a falta de perspectiva de conseguir um novo trabalho, novas formas de desemprego e a precarização do trabalho. Com a desconstrução de garantias coletivas, característica do neo-liberalismo, instabilidades e incertezas sobre o futuro criam angústias e problemas novos.

Dentro desse processo de descoletivização, a família também vai sendo afetada, Castel (2010) faz um paralelo entre as “pater famílias” (pai mandando na mulher e nos filhos) e a atual estrutura relacional ou contratual, com o advento do direito das crianças e

da igualdade entre marido e mulher. Direitos mais igualitários que levam à individualização. Com isso, cada vez mais famílias monoparentais e novos arranjos vão sendo produzidos. De acordo com dados do IBGE, são as famílias chefiadas só por mulheres que se encontram em maior dificuldade sócio-econômica em nosso país.

Se por um lado a profissionalização das mulheres vem no sentido de uma emancipação, já que cada vez mais vivemos uma democratização e igualdade entre os sexos, sabemos que ainda ocorrem muitos preconceitos na inserção da mulher no mercado de trabalho, como já discutimos ao longo da tese. Além disso, o trabalho que se deve defender é o que cumpre certas condições econômicas, jurídicas, que oferece uma certa segurança e dignidade aos trabalhadores, um trabalho produtivo e que dá ao trabalhador a contrapartida para sua existência. É esse trabalho que libera as mulheres do encarceramento e de suas tutelas tradicionais. No entanto, as mulheres entrevistadas estão à margem desse mercado, ainda fazem faxina por R\$ 20,00 a diária, são dispensadas do trabalho grávidas, pois dentre as 14 mulheres que participaram dessa pesquisa, as que trabalham, o fazem, ainda nos dias de hoje, sem nenhum vínculo empregatício, sem nenhum documento que regule seus direitos, porque o que mais importa é de fato trazer comida para casa. Ainda assim, as pesquisas, francamente divulgadas nos noticiários, nos mostram que a classe C ascendeu no Brasil e começou com os mesmos vícios de consumo da elite. Elenira, Denise Lucia, Teresa, Maria Regina, Carolina, Pâmela, Janaína, Ana Paula, Maria das Graças, Márcia, Édila, Marilane, Josiane e Luciana pertencem à classe E, e mesmo assim, também sonham com o novo objeto de consumo, o computador, pois já têm o celular que tira foto. Afinal, vivemos em uma época onde o ter supera o ser e de grande dominação da mídia e da propaganda, pregando o consumo desenfreado de objetos.

No mesmo sentido, entendemos o espaço urbano como vetor de sociabilidade, articulando assim territorialidade e produção de subjetividade, e é muito significativo o isolamento social, a ausência quase total de serviços urbanos e o aumento do poder exercido pela rede criada pelos poderes paralelos que vimos presenciando em Pedra de Guaratiba, o que acaba por caracterizar a grande fragilidade que marca as vivências dos seus moradores. Nossa cidade vem se expandindo rapidamente para a zona oeste, vide o crescimento de bairros como Barra da Tijuca, Recreio e Jacarepaguá, sabemos que a população da favela sempre acompanhou o percurso da classe média, e assim, podemos entender a favelização de Pedra de Guaratiba, até bem pouco tempo atrás, um bairro com características de zona rural, habitado por pescadores e com muitas casas de veraneio. Hoje, invadido por favelas, pelo tráfico de drogas e pela milícia, o espaço foi drasticamente modificado, provocou mudanças climáticas, ambientais, econômicas e influenciou, inclusive, as relações de parentesco e identidade.

É nesse contexto que buscamos compreender as mulheres e suas relações com a maternidade, permeada pelas questões sociais, pelas relações de gênero e pelos vínculos familiares. Segundo Vilhena (2004), nenhuma identidade, seja ela individual ou coletiva, pode ser construída fora do grupo de referência. Todos os sujeitos lutam por uma referência que lhes dê um sentimento de pertencimento e de inclusão. Muito tem se falado sobre a problemática da gravidez na adolescência, tema bastante pertinente em nossa pesquisa, já que todas as mulheres entrevistadas nesse trabalho tiveram sua primeira gravidez ainda adolescentes. Nosso objetivo, e que de certa forma foi alcançado, é justamente provocar uma reflexão sobre o lugar da maternidade no processo de subjetivação dessas jovens, e como nos aponta Nunes (2009) “tentando uma abordagem menos homogênea da questão e procurando observar como a maternidade se insere nos projetos de vida das jovens mães, a partir de suas diferenças.” (s/p.) À medida que vamos ouvindo o que essas mulheres têm a dizer, respeitando suas escolhas, contextualizando suas posturas e posicionamentos, torna-se necessário desconstruir pressupostos que embasam os discursos médicos, pedagógicos e midiáticos. Entendendo que “a gravidez na adolescência não é apenas um mero ‘acidente de percurso’ na vida de adolescentes irresponsáveis”, como nos sugere Nunes (2009), podemos perceber ao longo das entrevistas a forma como a maternidade traz interferências sobre formas de relacionamentos e reconhecimentos sociais e de atuação nos cotidianos dessas mulheres, ou como afirmam Gontijo e Medeiros (2004), a maternidade pode adquirir um caráter de centralidade em suas vidas, sendo um importante fator na sua constituição pessoal e social. Como já falado anteriormente, grande parte dos modos de subjetivação contemporâneos ainda é determinado pela identidade de gênero, a identidade de “mães” que essas mulheres assumem, parece atravessar quaisquer outras funções que desempenham ou vivenciam.

Ao longo das entrevistas, percebemos como o filho chega para ocupar um vazio, preencher um lugar de companheiro de todas as horas, aplacar a solidão, já que muitas vezes são vistos como a única “coisa” que efetivamente são delas. Apesar disso, também aparece nos discursos a contradição, ou seja, a grande solidão que enfrentam no dia a dia, mesmo com o grande número de filhos. Observamos também durante a pesquisa, que as adolescentes afirmam se sentirem especiais ao longo da gravidez, como se passassem a ter mais importância. Dessa forma, devemos flexibilizar nosso olhar para a escolha de mais uma gravidez (mesmo que esse seja o quinto, sexto ou sétimo filho), pois a maternidade parece lhes garantir uma identidade, tamanha a fragilidade de referências identitárias a que essas mulheres estão submetidas. Somado a isso, observamos ao longo das histórias, grande dificuldade na relação dessas mulheres com suas mães. Assim, o lugar dos filhos pode estar relacionado a uma tentativa de

elaboração pela repetição, uma restauração narcísica. E por que dessa forma? Pois não podemos deixar de lado o social, à medida que o ambiente tem um papel fundamental no favorecimento de um desenvolvimento saudável, que leva à construção da confiança em si mesma e no mundo, da autonomia, da iniciativa e do sentimento de competência, condições essenciais para uma inserção saudável na sociedade. (Bittencourt e Vilhena, 2010).

Devemos, pois, problematizar as universalidades, “trabalhando no sentido da desnaturalização de um feminino essência, ou seja, com a lógica de que existem muitos femininos e masculinos. Evitando-se, portanto, generalizações e conceitos pré-estabelecidos, os quais podem ser entendidos a partir da diversidade e não como identidades únicas, a-históricas.” (Guareschi et alli, 2007, p.19). Somente a partir dessa flexibilização será possível um posicionamento ético e político frente à nossa realidade social. A importância dessa pesquisa é justamente a conquista em relativizar aquilo que é normal e/ou patológico nas (muitas) maternidades vivenciadas por essas mulheres.

Não queremos naturalizar o grande número de filhos das mulheres das camadas pobres de nossa sociedade, mas trazer a discussão para a necessidade da construção de outras formas de inclusão para essas mulheres “*quase invisíveis*”, ou, nas palavras de Vilhena (2004), mulheres que vivem nos subúrbios da cidadania. De que forma as políticas públicas podem fomentar seu pertencimento na hostil rede social que se configura nos tempos atuais? Ou como questionam Santos e Carvalho (2006), de que forma as políticas sociais podem propiciar meios para que as adolescentes possam sentir-se mais seguras e valorizadas, encontrando possibilidades de vislumbrar seus sonhos e desejos?

O grande desafio é assumir uma prática que situe o outro no espaço e no tempo, que o perceba nas redes da cidade, provocando um encontro “que anime as almas a se inquietarem.” (Monteiro, 2002, p.139).

Vale ressaltar a grande aceitação por parte das mulheres em concederem as entrevistas e fazerem parte da pesquisa, o que vem nos falar de um vínculo de confiança e respeito que foi sendo construído com a minha prática profissional, o que é pra mim, extremamente gratificante. Além disso, no tempo de fechamento desse trabalho, muitas delas já estabeleciam contato com o pedido da devolução do meu estudo. Percebo, que ao final dessa pesquisa, que coincidiu com o término da minha atuação profissional em Pedra de Guaratiba, já que fui convidada para fazer parte da equipe de orientação técnica do Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas do Município do Rio de Janeiro (PROINAPE), da Secretaria Municipal de Educação, que o investimento afetivo no objeto e no território de pesquisa, promove mudanças na subjetividade do próprio

pesquisador e propicia “o reconhecimento da potência de sujeitos desconhecidos e não-reconhecidos como cidadãos em nossa sociedade”, nas palavras de Oberg (2007, p.176).

Concordamos com Catharino e Giffin (2002), quando afirmam que ao explicarmos e compreendermos a realidade estudada temos condições de nela intervir, para alterar seus rumos, auxiliando na elaboração de alternativas viáveis para efetivar um projeto que mude este quadro. Por isso é que afirmamos que o fazer intelectual é acima de tudo político, já que essa pesquisa traz à tona a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética da injustiça e a dimensão subjetiva do sofrimento. (Vilhena, 2009). E, a partir do momento que reconhecemos as determinações que atravessam o campo que investigamos, somos capazes de intervir e contribuir para transformar essa realidade. Como muito bem aponta Canguilhem (1970), o objeto da ciência não é apenas o domínio específico dos problemas, mas também a intenção do sujeito da ciência -, o projeto científico que constitui, como tal, uma “consciência teórica”. O trabalho científico na área das ciências humanas está vinculado a uma busca da verdade. Não a verdade absoluta, mas a de um ideal que busca a verdade, pois ao buscarmos o significado, buscamos verdades sobre o significado. (Vilhena, 2009).

Esperamos que este estudo contribua para a reflexão sobre as práticas direcionadas às mulheres, permitindo problematizar questões já naturalizadas, assim como as práticas, que se constroem sobre e a partir delas. E que, com a leitura dessa tese, possamos construir juntos, novos olhares.